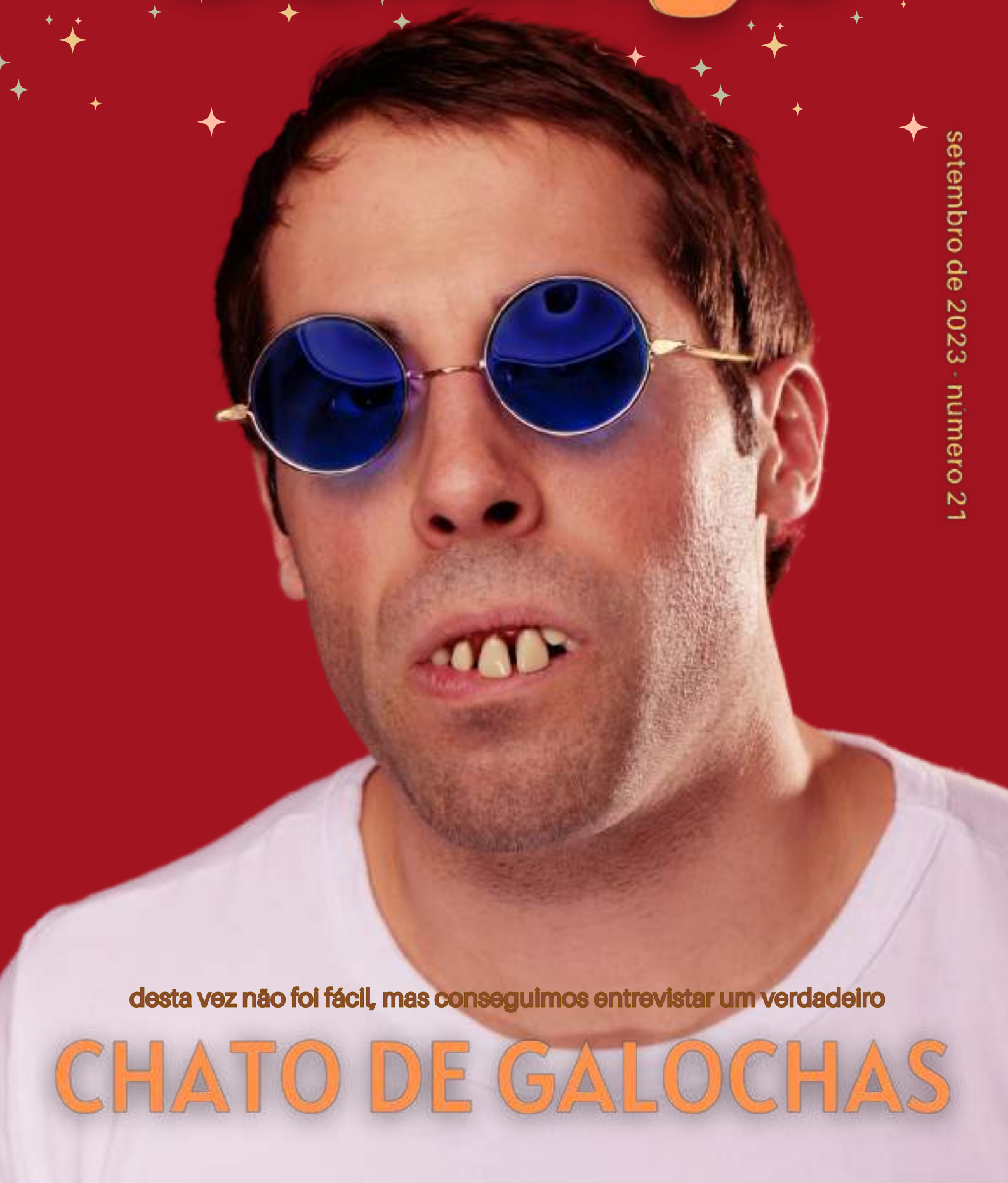


revista bulunga

setembro de 2023 - número 21



desta vez não foi fácil, mas conseguimos entrevistar um verdadeiro

CHATO DE GALOCHAS

EDITORIAL

Escrever besteiras pode ser divertido e salutar, e é dessa maneira que nós, editores da Revista Bulunga procedemos para não ficarmos loucos, pois funciona como uma terapia, apesar de já havermos sido há tempos diagnosticados com a doença do “Tonho da Lua” (só quem assiste novela sabe quem é), de forma irreversível, mas ainda assim nos recusamos a tomar os remedinhos. Somos inofensivos, ou já teríamos invadido órgãos federais armados de bодоques e copinhos de água mineral. Além do mais, acreditamos na democracia, ainda que seja imposta com severas restrições.

Poderíamos escrever coisas mais edificantes, contribuindo para providenciais mudanças neste mundo chatinho e cheio de paradoxos, mas concluímos que não seríamos capazes, e além do mais as pessoas não estariam muito interessadas, pois só querem saber de fofocas e sensacionalismos. E por falar em fofoca... não, jamais teremos fofoca nesta edição. Nem nas próximas.

Recusamo-nos escrever para as Revistas Caras, Sabrina, Contigo e Sétimo Céu, apesar de nunca termos sido convidados, e algumas dessas nem existirem mais. Só nos resta, assim, escrevermos para a Revista Bulunga, fenômeno mundial ainda não descoberto pelos leitores, e que lança agora o seu 21º exemplar.

OS CRIMES E SUAS DENOMINAÇÕES

Há pouco tempo (não vou dizer “atrás”, pois seria impensável estar me referindo a um tempo passado no futuro), homicídio era um ato de matar alguém. É o que está no art. 121 do Código Penal Brasileiro.

Contudo, com o passar dos anos, as pessoas entenderam que matar uma criança era muito pior do que matar um adulto, e assim criaram o termo infanticídio. Mas não foi suficiente: matar um pai ou uma mãe se tornou parricídio ou matricídio.

Não satisfeitas, criaram também o termo fratricídio, que acontece quando o autor mata o irmão ou a irmã. Faltava o crime contra a mulher, e daí surgiu o feminicídio.

Assim, homicídio passou a ser usado exclusivamente em casos de crime praticado contra os “homi”. Mas esqueceram do brodicídio (matar o amigo, ou bródi), o vizicídio (matar o vizinho), o amanticídio (matar o amante), o desconhecídio (matar o desconhecido), o politicídio (matar o político), o flanelicídio (matar o flanelinha) e o chaticídio de galochídio (matar o chato de galochas).





www.kalamoseditora.com.br

Neste número, a Revista Bulunga resolveu entrevistar um

CHATO DE GALOCHAS

No princípio, até pensamos que o encontro poderia ser divertido, considerando essa figura exótica, que usa roupas ao menos dois números maiores, camisa de malha estampada e calça sempre caindo, mas com a bainha curta, além de uns sapatos enormes que o transformam em um verdadeiro “bufão”, e faz questão de usar uma pochete na cintura, onde guarda uma gama de objetos inúteis que, segundo ele, podem ser providenciais em determinadas situações. Lá você vai encontrar um apito. Sim, eu disse um apito, que insiste em soprar insistentemente em alguma situação que precise ser denunciada para as autoridades invisíveis de plantão. Se ele vê alguém jogando papel na calçada, prontamente começa a apitar, até que o autor volte lá e o faça engolir o objeto. É um atento fiscal dos costumes e da moralidade, sempre apitando quando se depara com algum casal mais “animado” em locais públicos, principalmente em bancos de praças, onde costuma se esgueirar nos arbustos para armar os seus indelicados flagrantes. Já é famoso em seu condomínio pelas reclamações que faz, assim como na Delegacia de Polícia do bairro, onde sempre presta alguma queixa, chegando ao ponto de fazer uma ocorrência contra um sabiá, que insistia em cantar em sua janela pela manhã. Tentem ler a entrevista até o final, sabemos que não será fácil, para justificar o trabalho que tivemos buscando fazer com que a conversa parecesse interessante.

BULUNGA – Você se sente uma pessoa incompreendida?

CHATO – Por quê está perguntando isso? Nunca passou pela minha cabeça ser uma espécie de “inadaptado”...

BULUNGA – Pensei que soubesse...

CHATO – Soubesse o quê? O quê pretende dizer com isso? Fale! Fale agora! Fale logo!

BULUNGA – Cara, deixa de ser chato...

CHATO – Eu estava brincando... pensei que você tivesse um pouco mais de senso de humor. Afinal, não é esse o propósito da revista? Mas vamos à entrevista.

BULUNGA – Você já viveu algum episódio de rejeição?

CHATO – Vários. O primeiro deles foi com minha mãe biológica. Ela tinha ido a uma clínica clandestina para realizar um aborto, mas acabei nascendo ali mesmo. Tinha três meses ou pouco mais. Foi o único caso da história. Acontece que os policiais deram uma batida no local e viram aquela “massinha” se mexendo em um balde e aí resolveram levar para fazerem uma análise. Passei os meses restantes em uma incubado-

ra, até que fui liberado e adotado por um casal que visitava o hospital.

BULUNGA – Que história fantástica! Como isso não foi divulgado em todos os jornais ou mesmo na internet?

CHATO – Acharam melhor não dar destaque. Poderia incentivar as práticas abortivas.

BULUNGA – Não seria o contrário? Poderia mostrar que crianças de três meses já estão formadas.

CHATO – Acharam melhor não divulgar, porque logo viram que eu era uma criança “complicada”, chorava muito e fazia muita manha, e concluíram que teria sido melhor que me deixassem lá.

BULUNGA – E como foi essa sua experiência com o casal que o adotou?

CHATO – Não fiquei com eles por muito tempo. Disseram que eu não havia me adaptado e acabaram me dispensando... acabei indo morar no orfanato até completar 18 anos...

BULUNGA – Isso foi triste...

CHATO – Que nada! Foi até legal...

BULUNGA – O quê poderia ser legal em um orfanato?

CHATO – Lá eu aprendi a lutar pelos meus direitos. E lá era luta de verdade. Apanhei muito, mas também bati. Teve um caso famoso de um menino que tinha o apelido de piolho. Ele era ruivo, cabelos encardados, cheio de sardas, e pegou esse apelido, mas ficava furioso quando o chamávamos ele assim. E sempre que eu o via, gritava “piolho”. Um dia ele me pegou e me deu uma verdadeira surra, mas eu continuava gritando “piolho”. E ele bateu, bateu e bateu, e quando eu não podia mais falar, de tanto que apanhei, só consegui levantar as duas mãos e fazer um gesto, apertando as unhas dos dois polegares (pois é assim que se matam os piolhos).

BULUNGA – Que piadinha mais manjada... É do tempo das “Seleções, de Reader’s Digest”. Você devia ser mesmo muito “difícil”...

CHATO – Eu era mesmo: com todo orgulho!

BULUNGA – E depois que saiu do orfanato, o que foi fazer?

CHATO – Passei no vestibular e fui estudar filosofia. Consegui uma bolsa e fui para uma moradia estudantil. Ganhava o suficiente para comer, apenas isso. E era o único que morava em um quarto separado, pois estranhamente ninguém queria dividir comigo. Não entendo até hoje...

BULUNGA – Realmente não dá para entender...

CHATO – Mas era bom porque podia estudar mais à vontade. Li “O Capital”, de Karl Marx, umas dezesseis vezes.

BULUNGA – Já poderia imaginar... E certamente segue tudo à risca, levando consigo um resumo em seu caderninho...

CHATO - Como sabe disso? Olhe aqui (mostra um pequeno caderno que guardava na pochete)!

BULUNGA - Fácil deduzir...

CHATO – E logo que me formei, consegui um emprego como professor em uma escola de ensino médio.

BULUNGA – Coitados dos seus alunos...

CHATO – O que disse?

BULUNGA – Nada não...

CHATO - “O povo unido jamais será vencido”!

BULUNGA – Isso não guarda qualquer relação com o que estávamos conversando...

CHATO – Prrrrrrr...

BULUNGA – Não entendi...

CHATO – Dããããããã...

BULUNGA – Assim fica difícil!

CHATO – Difícil é cagar para cima.

BULUNGA – Já estou arrependido de ter marcado esta entrevista.

CHATO – É porque você pertence à classe opressora e não sabe conviver com diversidades.

BULUNGA - Vá me desculpar, mas você vive em qual ano? 1968?

CHATO - 1968 foi o ano da Instituição do Ato Institucional nº 5, que marcou o auge da Ditadura Militar.

BULUNGA - Eu não sei a sua idade, mas não deve passar de 30. O que conhece sobre esse assunto? Leu sobre isso em livros secundaristas?

CHATO - A memória daqueles tempos está no Inconsciente Coletivo, de Jung.

BULUNGA - Você já leu alguma coisa de Jung?

CHATO - Já vi uns vídeos sobre ele na internet.

BULUNGA - Vídeos? A sua referência são vídeos da internet? Você já leu algum livro?

CHATO - Você é velho e não acompanhou a evolução do mundo. Hoje em dia ninguém mais lê livros. Existem os áudio books, principalmente os que fazem um resumo da obra, e você pode obter conhecimento enquanto faz outras coisas mais interessantes.

BULUNGA - Mas a leitura exige concentração, ou você não conseguirá assimilar os conhecimentos.

CHATO - Leio sempre a “Folha”, o “Estado” e “O Globo”.

BULUNGA - Ah, está explicado...

CHATO - De acordo com o seu discurso, pode-se perceber que faz parte da classe opressora, detentora dos meios de produção.

BULUNGA - Não consigo acreditar que alguém ainda

possa utilizar esses termos antiquados nos dias de hoje... você deve estar de brincadeira...

CHATO - Eu posso te processar. Você está me discriminando pela minha orientação de gênero.

BULUNGA - Gênero? Nem faço ideia a qual espécie animal você pertence.

CHATO - Não falei? Você está praticando um atentado às minorias, aos gays, aos negros, às mulheres, aos autistas, aos indígenas, aos gordos, aos reptilianos...

BULUNGA - Eu juro que estou com vontade de te bater. Na cara, usando uma meia bem suja.

CHATO - Essa é a única reação esperada da extrema direita: a violência.

BULUNGA - E quem falou que sou de “extrema direita”?

CHATO - Se está contra as causas das minorias, é violento e só pode ser de extrema direita.

BULUNGA - Vamos mudar o tom da conversa: como foi o seu desenvolvimento profissional? Trabalhou com o quê?

CHATO - Meu primeiro emprego foi numa pequena fábrica de bacias de alumínio, lá na minha cidade. Mas no primeiro mês já entrei para a direção do sindicato.

BULUNGA - Certamente...

CHATO - Eu já havia mexido com o Movimento Estudantil na escola e aí foi um pulo. Logo fui indicado para ser candidato a vereador, mas acabei ocupando um cargo em uma empresa do governo e de lá passei por vários outros órgãos.

BULUNGA - E a sua função era...

CHATO - Contatos. Eu fazia muitos contatos.

BULUNGA - Mas trabalhar que é bom... nada!

CHATO - Como assim? O que está insinuando? Minha função sempre foi essencial para a manutenção das bases do Partido.

BULUNGA - Certamente...

CHATO - Notei um certo tom de ironia nessa sua fala.

BULUNGA - Vamos encerrando a entrevista por aqui. Pelo menos, rendeu o bloco. Agradeço a sua participação.

CHATO - Tá certo... mas A LUTA CONTINUA!

BULUNGA - Ai, que chato!

CHATO - Chato é carrapato, pego o chinelo e mato.

BULUNGA - Meu Deus! Há 50 anos não ouvia esse versinho estúpido...

CHATO - Me chamou de estúpido? Belém, belém, nunca mais fico de bem.

BULUNGA - Olhe aqui, você só pode ser um personagem. Não pode ser real. Não é possível que exista alguém assim no mundo de hoje.

CHATO - Pois engana-se: somos um verdadeiro exército. E vamos dominar o mundo. Mas primeiro dominaremos o Brasil!

BULUNGA - Isso não é um exército: é uma pandemia!

CHATO - Entendo o que você quis dizer e pode ser responsabilizado por isso. Posso acionar meus advogados a qualquer momento.

BULUNGA - É uma ameaça?

CHATO - Se quiser entender assim...

BULUNGA - Olhe aqui, não tenho que ficar escutando essas coisas. A entrevista vai parando por aqui. Deixe-me só desligar o gravador e tirar o microfone, porque custaram caro.

CHATO - O que você pretende fazer?

BULUNGA - Uma coisa que milhões de brasileiros gostariam de fazer, mas não fizeram: vou sair das “quatro linhas”.

CHATO - Você não seria louco de...

BULUNGA - Seria sim... e tome essa (batida seca) e agora mais essa (mas uma)...

CHATO - Solte a minha orelha! Solte a minha orelha! Eu estou avisando...

BULUNGA - Ah, é? Golpe baixo! Você agarrou uma das bolas, mas ainda me resta a outra...

Em seguida, ouve-se uma série de sons abafados, barulhos de móveis se arrastando, copos caindo e se quebrando, pequenos gemidos e alguns ruídos indefiníveis, o que teria durado cerca de dois ou três minutos, até que irrompe a sirene da polícia, chamada pelos vizinhos, e escuta-se batidas na porta. Depois disso, tudo se aquieta. Fim da entrevista.

MUSSUM

Já havíamos falado rapidamente do grupo conhecido como “Os Trapalhões” em uma das edições anteriores, mas esse personagem encarnado por Antônio Carlos Bernardes Gomes, natural do Rio de Janeiro, mais especificamente no Morro da Cachoeirinha, na cidade Lins de Vasconcelos, nascido em 1941 e partido prematuramente em 1994, após complicações em um transplante de coração. Ele era considerado, pela maioria absoluta de fãs do quarteto, o mais querido. Quando ele chegava, tudo brilhava ao seu redor, com o seu fantástico carisma e o sorriso contagiante. Esse era o Mussum.

Filho de uma empregada doméstica, ralou muito na vida, formando-se como ajudante de mecânico e foi trabalhar numa oficina, para depois ingressar na Força Aérea Brasileira, onde permaneceu durante oito anos, até não poder se segurar o talento engasgado e largar tudo, tornando-se tocador de “reco-reco” no grupo musical “Os Modernos do Samba”, que mais tarde se transformou no mundialmente famoso “Os Originais do Samba”, tendo Mussum como sua principal atração.

Mas tudo mudou depois que o produtor e diretor Wilton Franco, da antiga TV Excelsior, assistiu uma apresentação de seu grupo musical em uma boate, na época em que



Mussum ainda era apenas “Carlinhos do Reco-Reco” ou “Carlinhos da Mangueira”, e fazia alguns comentários engraçados durante os intervalos. Naquela noite, recebeu o convite para integrar um grupo humorístico na televisão, mas inicialmente recusou, pois dizia que teria que pintar a cara, como fazia os outros atores, e que aquilo não era coisa de homem. Mas acabou sendo convencido pelo amigo Dedé Santana, que naquele tempo já formava uma dupla com

Renato Aragão.

O seu sucesso foi tão surpreendente que acabou largando os “Originais” para se dedicar à comédia, passando a participar de dezenas de filmes e emplacando um avassalador sucesso na televisão, quando se tornou uma unanimidade nacional.

Dizem que o apelido foi dado por Grande Otelo, outro monstro da comédia (que encarnou Macunaíma no cinema) e foi aconselhado por Chico Anysio, o maior gênio do humor do país, a assumir a sua marca registrada ao terminar as suas frases com “is”, a exemplo de “cacildis”, “forévis”, entre outras preciosidades, pois deve ter visto o humorista fazer



isso inconscientemente e percebeu que faria muito sucesso. E fez mesmo.

Sua predileção por uma “cachacinha”, também chamada “mé”, ou “água benta” era outras de suas marcas, mas dizem que nem bebia tanto assim. Era só o personagem.

Entre suas frases de sucesso, se destacavam “nego é o teu passadis” e “eu quero morrer pretis se eu estiver mentindo”, ou “não sou faixa preta, cumpadi: sou preto inteiris”. E também fazia piadas sobre a cerveja, dizendo que o “suco de cevadis deixa as pessoas mais interessantis”, “mais vale um bebadis conhecidis, que um alcoólatra anonimis”, ou “vê mais uma ampola do diurétiquis”. E ainda, quando queria cortejar uma mulher, invariavelmente soltava essa: “casa, comida, três milhão por mês, fora o bafo”.

Mussum teve vários filhos, seis, pelo que foi possível



tudo isso, pois não entrava nessas questões chatíssimas que vivemos hoje. Tudo era alegria: as pessoas podiam brincar umas com as outras, sem maiores dores e traumas. Mussum era chamado de “crioulo”, “grande pássaro”, “azulão”, “morcegão”, entre outros apelidos, e não estava nem aí, pois também zoava os seus companheiros, deboçando da careca do Zacarias, da cabeça chata do Didi e da suposta boio-

lagem do Dedé (que nem era gay, muito pelo contrário). Era tudo BRINCADEIRA! Mas hoje em dia as pessoas estão doídas, traumatizadas, angustiadas, deprimidas. Não se pode mais brincar. O humor é visto como uma ameaça. Ser preto não é motivo para sofrer. Sim, tivemos a escravidão, um crime que nunca há de ser esquecido, mas temos que lembrar que ser preto é ter pele boa, resistente, demora a envelhecer e diz o folclore que até os homens dessa cor tem os “atributos” mais vantajosos que os demais, e que as mulheres são muito “quentes”. Mas isso também não se pode falar, pois os agentes do “politicamente correto” dirão que é preconceito.

É inaceitável que no Brasil ainda haja racismo. Não existe uma raça pura. Somos todos pretos. Mesmo os mais branquinhos, se fizerem uma pesquisa mais apurada, encontrarão algum gene africano em seu

DNA. Mas indiferente a tudo isso, Mussum continua reinando absoluto com os seus deliciosos memes na internet, com o seu rosto figurando em camisetas e seus vídeos fazendo o maior sucesso até mesmo entre a geração mais nova, que não teve a possibilidade de esperar a noite de domingo para assistirem as aventuras do quarteto, mas principalmente para verem o Mussum.

Pena que partiu tão cedo. Atualmente, estaria com 82 anos, talvez ainda tomando o seu “mé”, ensaiaria uns passinhos de samba e abriria aquele seu delicioso sorriso rasgado, capaz de iluminar os nossos dias, para nos fazer felizes por alguns instantes e esquecer dessa gente chata e cheia de rancores.

Michel Salomão



contar, sendo um do primeiro casamento, um do segundo e quatro outros seriam fruto de “produções independentes”, o último deles reconhecido quatro anos após a sua morte.

Mas não há como arrancar a imagem de Mussum, como geralmente tentam algumas biografias não autorizadas. Fizeram até um filme, recentemente, “Mussum – O Filmis”, com Ailton Graça no papel do famso trapalhão, mas ainda não assisti e não sei se o roteiro entra em polêmicas da vida pessoal, o que é muito comum, para causar sensação. O filme até venceu o recente “Festival de Gramado”, mas isso não significa muita coisa, pois já premiou muita porcaria.

Algumas biografias tentam denegrir (ou despretir?) a imagem de artistas, mas Mussum há de ser isento a



Basil Crawford¹

Um caso inusitado aconteceu, há uns dias, em Inacionópolis, no interior do Ceará. Cidadezinha de pouco mais de 3.000 habitantes, segundo os dados do IBGE. Na realidade, não passava de 229. Apenas duas ruas asfaltadas ligavam os pontos extremos do município, fundado em 1988, a primeira cidade planejada do estado. Projetada para 12.968 pessoas, encontrava-se em franca decadência, pois a migração para a capital, e outros grandes centros, era a única esperança do agreste. Ali, salvo raríssimas exceções, não havia futuro para ninguém, especialmente os jovens. Seria uma cidade -fantasma, tão logo o último dos velhos chegasse a óbito.

Tentou-se várias formas de impulsionar o turismo, o comércio e a indústria, com maciço investimento federal, mas ao cabo de quase duas décadas, somente as famigeradas ruas, já citadas, ganharam asfalto. Outras vinte e cinco permaneciam de terra batida ou nem tanto; eram descampados onde a poeira dominava. Não se implantou um mercado distrital, fábrica, plantação ou outra fonte de expandir o lugarejo. Nem mesmo a famigerada água, a ser obtida pela perfuração de diversos poços artesianos, alcançou logro. À boca miúda, era outro ardil para desviar recursos públicos e enriquecer uns poucos.

Entretanto, quando menos se esperava, surgiu algo a deixar todos otimistas. Não foi a aparição do Chapolin Colorado, uma grande tempestade a inundar os açudes ressequidos, a descoberta de jazidas de níóbio ou petróleo... Não, nada disso. No sorteio da loteria, o primeiro prêmio saiu para um bilhete da cidade. Logo se divulgou que ele, provavelmente nativo, encarregaria de investir a fortuna na região: criar empregos, furar os poços, asfaltar as ruas e dinamizar a economia mambembe de Inacionópolis. Os botecos se encheram, foguetes foram soltos, buzinas de bicicletas, urros de alegria e latidos ensandecidos dos cães invadiram a cidade de eufóricas perspectivas. O filho amado traria novamente a glória que nunca tivera, e o sucesso prometido e jamais cumprido.

Entretanto, ninguém sabia quem era o sortudo e felizardo. Por mais que as pessoas abandonassem seus afazeres à caça de alguma evidência ou indício, ninguém descobriu a identidade do felizardo. Especulou-se, inferiu-se, idealizou-se esse ou aquele mais cotado nas pesquisas de opinião, mas o segredo conservou-se inabalável.

roleta

RUSSA

Dias depois, na capital, na entrega do cheque simbólico, o ganhador, para a surpresa geral, fantasiou-se de "Mumm-ra", o vilão do desenho animado "Thundercats", frustrando todas as expectativas de Inacionópolis, ávidos diante das tv's e rádios, em ver e ouvir finalmente o sigilo quebrado.

- Qual a razão da fantasia? – Perguntou o mestre de cerimônias.

- Para os meus parentes não me descobrirem! – Pronunciou-se sem constrangimento, perante espectadores atônitos.

Havia motivos para se resguardar. O país era próspero em roubos, assaltos, sequestros e golpes dos mais variados; mas, proteger-se dos familiares?... Pareceu exagero, aos olhos alheios, especialmente porque, em Inacionópolis qualquer um poderia pertencer ao círculo familiar do pé-queute.

A indignação foi pública e ostensiva. Não havia outro assunto: quem era ele? E por que o anonimato? Onde estava a gratidão e retribuição à família? Já que todos em Inacionópolis eram uma grande e unida família?

Os dias se passaram. As semanas se passaram. Sem mudanças. Sem investimentos. Sem veredito, e a lista crescente de suspeitos. Qualquer iniciativa, ação, reação, mudança, mesmo as mais espontâneas e estúpidas, algo a indicar a progenitura do milionário, era vista com presunção, e o infeliz era primeiro sabatinado, caso resistisse, xingado, às vezes capturado e surrado. Alguns chegaram a morrer em decorrência dos ataques, sem acusação ou indício de culpados.

Ninguém estava imune às investidas raivosas das ruas e interiores.

Alguém, contudo, elaborara um plano infalível; por que não pensou nisso antes? Era muito simples: bastaria saber quem estava ausente da cidade no momento da entrega do prêmio. Através da empresa de viação, seria facilmente possível identificar o mal-agradecido. Dito e feito.

Ao se deparar com o nome do ganhador, todos se assustaram: ele, nem mesmo diante da morte, depois de ser sovado violentamente, declinou a façanha. No momento final, até mesmo alguns da parentela, suspeitando das suas últimas atitudes, surpreendeu-se quando disse as palavras derradeiras:

- Perdeu, manés!

No testamento, deixou a fortuna para a Ong "Flato", empenhada em substituir papeis higiênicos por lenços umedecidos em comércios e residências...

¹Basil Crawford é nosso correspondente no agreste.

ZERO PERSPECTIVA

um conto de **Michel Salomão**

Repentinamente, ele perdeu a vontade de sair de casa. Passou a trabalhar em home-office e comprava tudo pelos aplicativos: pedia para deixarem na porta, esperava o entregador sair, abria a porta e pegava a compra. Também colocava o lixo na rua tarde da noite, para não ter que cruzar com algum vizinho. Não era depressão, mas queria apenas evitar contatos desnecessários que o obrigassem a trocar frases inúteis como “será que vai chover?” ou qualquer outra observação acerca de fenômenos meteorológicos, pois para ele pouco importava se chovesse ou não chovesse, se ventasse ou não ventasse, ou fizesse calor ou frio, pois bastaria fechar as janelas e ligar o ar-condicionado.

Não sentia falta de pessoas. Até gostaria de ter um cachorro, mas no começo é tudo maravilhoso, eles brincam muito, lambem, roem os pés das cadeiras, derrubam coisas, cagam e mijam em tudo, você tem que dar água e ração, mas o pior é que morrem depois de algum tempo, quando você passa a sentir falta desse suplício e vai querer arranjar mais um animal e tudo há de se repetir. Não, preferia não ter que passar por isso.

Mas as pessoas também morrem, e um dia ele seria descoberto pelos vizinhos, já petrificado, cem anos depois de as plantas terem retomado os seus espaços originais e uma geração espontânea de insetos e roedores terem criado uma nova cadeira alimentar, e os vidros das janelas se quebrado por causa da variação térmica, ou com as pedradas dos moleques que inadvertidamente tentariam acertar os pássaros que por ali fizessem os seus ninhos.

Nunca havia se casado. Chegou a namorar algumas garotas, e até ficou noivo daquela que melhor conseguiu representar o seu papel de vulnerabilidade, atributo que os homens tanto desejam, mas um dia a viu sair abraçada do cinema do shopping com um rapaz alto, forte, másculo, bem diferente do que ele era, um personagem insignificante e franzino que lembrava um pouco Woody Allen, não necessariamente pelo nariz, pois o dele não era tão descomunal, nem pelos olhos de peixe morto do ator/diretor/escritor, mas talvez pelos óculos de aro preto e os cabelos mal cortados, o que destoava do corte da moda, conhecido como “Príncipe Danilo”, que foi muito usado nos anos 1950 e retornou com sucesso nos anos 2020.

Depois disso, resolveu não se aproximar de nenhuma mulher, por mais atraente que fosse, pois sabia que um dia aconteceria com ela o que ocorria com os cachorros.

Certo dia recebeu uma mensagem pelo WhatsApp que teria sido demitido. Em breve, as contas começariam a se acumular nas caixas de mensagens, pois não teria ânimo para abri-las, e tampouco teria saldo para pagá-las, e assim decidiu gravar alguns vídeos estranhos para postar no Tik Tok, para ver se conseguia fazer seguidores e acabou até conseguindo dois, mas na verdade eram haters que o xingaram de doente e saíram do canal.

Passados dois meses, com a conta absolutamente “zerada”, teve que sair à rua, mas escolheu uma hora bem tarde da noite, quando ninguém se arriscaria a colocar os pés naquela região perigosa em que morava, no centro da cidade, lugar ocupado

pela escória da sociedade. Logo na primeira quadra, foi abordado por um drogado que lhe pediu dinheiro, e diante da negativa, exigiu que lhe entregasse os óculos. Ele não viu razão para atender a esse pedido, pois os óculos não deviam valer nada, e afinal precisava deles pois não enxergava nada de perto, com uma presbiopia em estágio avançado que não lhe permitia ver nem mesmo as letras mais graúdas dos artigos que precisava ampliar na tela de seu computador. Mas o “nóia” não parecia se preocupar com esse fato adverso, e do nada tirou da cintura uma faquinha de cortar frutas e cravou-lhe na barriga.

Não sangrou imediatamente, mas somente conseguiu raciocinar que o ferimento não seria profundo o bastante para tirar-lhe a vida, pois a lâmina devia ter uns quatro centímetros, mas precisaria correr até um hospital, pois uma hemorragia poderia rapidamente tirar-lhe as forças, e assim caminhou em direção ao Pronto Socorro, que ficava a cinco ou seis quadras de onde se encontrava, mas no caminho encontrou um outro vagabundo que, indiferente à mancha vermelha que começava a se formar em sua camisa, exigiu que lhe desse os seus sapatos, mas ficou indignado com a insensibilidade do seu interlocutor e resolveu reagir, e assim tomou outra facada, um pouco mais abaixo da anterior, mas dessa vez não foi capaz de precisar o tamanho da lâmina.

Naquela altura, faltavam apenas três quadras para chegar ao hospital, e ficou pensando se aguentaria mais uma ou duas estocadas pelo caminho, pois aquele parecia não ser o seu dia de sorte, mas assim apertou o passo, acabando por desmaiar poucos metros adiante, quando foi recolhido por policiais que providencialmente passavam por ali.

Sua recuperação não foi fácil. Contraiu uma séria infecção que o obrigou a ficar vários meses internado, tomando toda espécie de antibióticos que haveriam de alterar o seu DNA, e saiu 14 quilos mais magro, mas pronto para retomar as suas atividades.

Logo na saída foi abordado por uma moça muito bonita que entregou-lhe o cartão de uma entidade que cuidava da recuperação de drogados, e assim resolveu, depois de se restabelecer um pouco, procurar a tal associação, pois sempre teve vontade de iniciar um trabalho voluntário, não necessariamente dedicado aos humanos, mas aquele episódio conseguiu abalar a sua consciência, concluindo que teria dedicado grande parte de sua vida à inutilidade absoluta, desenvolvendo um egoísmo inerte e indiferente às misérias do mundo, quando poderia facilmente empenhar todo ou parte do seu tempo ocioso a ajudar o próximo.

Os primeiros meses foram bons, pois apesar de não receber qualquer espécie de remuneração, conseguia fazer três refeições balanceadas, e em pouco tempo conseguiu recuperar o seu peso original.

Contudo, ao final de uma tarde, viu entrar pela porta de vidro translúcido ninguém menos que o seu primeiro agressor, identificado com facilidade, pois aqueles seus dentes protuberantes, a cara cheia de espinhas e os olhos esbugalhados eram inconfundíveis, e aquele poderia ser o seu momento de redenção, pois teria a oportunidade de perdoar o ato que quase lhe ceifou a vida, numa atitude cristã que serviria de exemplo para as outras pessoas, mas preferiu agarrar o outro pelo pescoço e bater a sua cabeça várias vezes contra a parede, até ser contido pelos seguranças, quando foi sedado e amarrado em uma camisa de força.



VOCÊ QUER MESMO COMPRAR UM IMÓVEL?

Não é tarefa das mais fáceis comprar um imóvel. Além da questão da documentação, que pode fazer com que o comprador entre numa bela furada, tem também as questões da “saúde” da edificação.

Algumas pessoas, quando querem vender a sua casa ou apartamento, promovem as mais criativas gambiarras, ocultando toda espécie de vícios, alguns extremamente graves, como no caso de um vendedor que ocultou um vazamento no subsolo, cobriu tudo porcamente e pouco tempo depois que o novo morador se mudou, a casa desabou.

É muito comum esconderem infiltrações no teto e paredes com impermeabilizante, manta líquida, etc., e por cima uma bela pintura, para tudo estourar pouco tempo depois. Gambiarras na parte elétrica também são totalmente previsíveis.

Mas pode haver coisa pior do que ter que bancar consertos indesejáveis: estabelecimentos comerciais na região. Certa vez, fui morar em um apartamento lindo, novinho, que ficava ao lado de um restaurante. Até aí tudo bem. Mas naquele final de semana, soube que à noite ele se transformava em um “bar da moda”, com



música mecânica a partir das 23 horas. A música que “estourou” na época era “O canto da cidade”, com a Daniela Mercury: dava 23 horas em ponto e começava com o seu grito e os tambores retumbando na minha cabeça até as 4 da madrugada. Era um inferno. A sorte é que o apartamento era alugado, e assim rescindi o contrato e fui morar em

uma montanha, perto dos mosquitos e longe de qualquer estabelecimento comercial. Mas foi uma experiência útil, pois quando resolvi comprar o meu primeiro apartamento, tratava de visitar a região à noite, principalmente aos finais de semana, para verificar se notava algum barulho. Também procurava informar-me com outros vizinhos, percorria as ruas paralelas e perpendiculares até me certificar que a compra seria boa.

Mas vizinho é outro problema sério: em um dos lugares onde morei, tinha o ocupante do andar de cima cujo filho parece que ficava rolando uma bola de boliche pelo apartamento. Era mesmo uma bola de boliche, estou quase certo disso. Ou então era uma bala de canhão. De vez em quando ele levantava o troço e soltava em seguida, dando cerca de duas batidas secas, pois era bem pesado e saía rolando, até se chocar com a parede. Era uma verdadeira tortura.

Teve outro vizinho que parecia dormir em uma cama elástica, e à noite “socava” a sua mulher, que gritava como uma louca. Cheguei a colocar caixas acústicas na janela, com o som a toda altura, mas parece que eles gostavam e a gritadora gemia ainda mais.

Ao longo de 32 anos, troquei de apartamento seis vezes, mas as experiências não foram muito traumáticas, além das mencionadas, mas conheço muita gente que se deu muito mal.

Teve um amigo que realizou o sonho de comprar um apartamento na região que queria, próximo ao trabalho, à escola dos filhos e à casa dos sogros, mas logo na primeira semana se deu conta que o vizinho da cobertura promovia festas orgíacas quase todos os dias da semana. Certo dia, o encontrou na garagem e pediu para que “maneirasse” com o barulho, e o outro tirou um revólver da cintura e o enfiou na sua boca, avisando que aquele era apenas um “aviso” para que não voltasse a reclamar. E ele teve que se mudar imediatamente, vendendo o apartamento por preço inferior ao que comprou, tendo que assumir o prejuízo.



Melhor seria morar em um hotel: imagine acordar pela manhã, descer para fazer um desjejum maravilhoso, voltar, escovar os dentes, tomar um banho (nem todos fazem isso), deixar a toalha jogada no chão, sair e, ao retornar à tardinha, encontrar tudo arrumado, com cheiro de aromatizante. Se acaso se cansasse da paisagem, ou por um incômodo qualquer, bastaria mudar de hotel. Conheço gente que escolheu viver assim e se deu muito bem.

Teve até o caso de uma senhora idosa (para não dizer velhinha) que, entrevistada por uma revista famosa (não era a Bulunga), disse que a maior vantagem de se morar em hotel é que, se acaso morresse subitamente, a camareira a encontraria logo pela manhã. Se fosse em um apartamento, os vizinhos só se dariam conta depois que o cheiro se tornasse insuportável. Acho bom pensar seriamente sobre isso.







Milton Viola Fernandes, o **Millôr Fernandes**, nasceu no subúrbio do Méier, Rio de Janeiro, em 1923. Filho do espanhol Francisco Fernandes e da brasileira Maria Viola Fernandes, morava com os irmãos Hélio, Ruth e Judith. O pai, dono de um estúdio fotográfico, morreu aos 36 anos, em 1925, subitamente. Esse fato iria mudar radicalmente o padrão de vida da família de classe média, pois a renda advinda do trabalho paterno era o único sustento. A mãe, então, aos 27 anos, teve de alugar um dos cômodos da casa e trabalhar como costureira.

Aos 11 anos perdeu a mãe, vítima de câncer. A tragédia obrigou a separação dos irmãos, distribuídos entre os parentes, e Millôr foi morar com a avó, em um quatinho de fundos, na Pavuna.

Leitor assíduo de quadrinhos, em especial “Flash Gordon”, de Alex Raymond, o qual, segundo o próprio Millôr, foi a sua maior influência como humorista e escritor; e estimulado pelo tio Antônio, enviou um dos seus desenhos para “O Jornal”, cujo trabalho foi anuído, publicado, e pelo qual recebeu um cheque de 10 mil reis.

Em 1938, aos 14 anos, abandonou o emprego de entregador de remédios para ingressar na revista “O Cruzeiro”, pelas mãos de outro tio, Armando, chefe da seção de gravuras. Assumiu o posto de contínuo e, posteriormente, os de repaginador e factótum, mas acabou por se tornar um “faz tudo”, e se metia em todos os departamentos, aprendendo e exercendo outras tantas funções (o desejo compulsivo de aprender, aliado ao jeito divertido e impertinente, abriu-lhe portas naturalmente fechadas). Nessa época, foi trabalhar como tradutor de histórias em quadrinhos em inglês (idioma que aprendeu sozinho) para a publicação “Guri”, dos Diários Associados.

Pouco depois, foi chamado por Frederico Chateaubriand para ajudar na produção da revista “Cigarra”.

Certo dia, quando a última página da publicação estava vazia (o colaborador atrasara a entrega do material), Millôr foi chamado para “encher linguíça” com suas frases, versos e tiradas engraçadas. O sucesso foi imediato, e assinando o pseudônimo “Vão Gogo”, criou a seção “Poste Escrito”.



Millôr Fernandes

Aos 17 anos, precisando da Certidão de Nascimento, descobriu, no cartório, que o escrivão grafara erroneamente o seu nome, ao invés de Milton escreveu Millôr. A partir desse achado, abandonou o nome original e comum, assumindo-se Millôr, sendo aceito rapidamente pelos familiares e amigos. Em 1949, como correspondente, visitou a América e encontrou-se com Walt Disney, Carmem Miranda e Vinícius de Moraes, entre outros.

De lá até 1960, escreveu peças, participou regularmente de programas televisivos, publicou livros, pintou e expôs seus quadros, fez desenhos e ilustrações, e traduziu diversas obras.

Durante o regime militar, em 1969, fundou o jornal “Pasquim”, o marco na iconoclastia político-religiosa, no Brasil.

Trabalhou também por muitas décadas na revista Veja.

Morreu em decorrência de complicações de um AVC, em 2012.

Entre o subversivo que criticou o regime militar, a Igreja Católica, governantes, instituições tradicionais, e o reacionário a criticar o feminismo e outros movimentos contemporâneos, Millôr era sobretudo um pensador desprendido de ideologias e movimentos político-religioso, como se declarava: “sou um livre-atirador”.

Como frasista, Millôr nos deu algumas das melhores e mais inspiradas:

"O otimista não sabe o que o espera."

"Se todos os homens recebessem exatamente o que merecem, ia sobrar muito dinheiro no mundo."

"Como são admiráveis as pessoas que não conhecemos muito bem."

"O mal de se tratar um inferior como igual é que ele logo se julga superior."

"Democracia é quando eu mando em você, ditadura é quando você manda em mim."

"Errar é humano. Ser apanhado em flagrante é burrice."

"O capitalismo é a exploração do homem pelo homem. O socialismo é o contrário."

"As pessoas que falam muito, mentem sempre, porque acabam esgotando seu estoque de verdades."

"Toda uma biblioteca de Direito apenas para melhorar quase nada os dez mandamentos."

"Generalizando-se a corrupção, restabelece-se a Justiça."

"Quem mata o tempo não é um assassino. É um suicida."

"Livre como um táxi."

"Imprensa é oposição. O resto é armazém de secos e molhados."

"Me arrancaram tudo à força e depois me chamam de contribuinte."

"O cara só é sinceramente ateu quando está muito bem de saúde."

"A diferença fundamental entre Direita e Esquerda é que a Direita acredita cegamente em tudo que lhe ensinaram, e a Esquerda acredita cegamente em tudo que ensina."



"O melhor movimento feminino ainda é o dos quadris."

"Feliz é o que você vai perceber que era, algum tempo depois."

"Toda lei é boa, desde que seja usada legalmente."

"O comunismo é uma espécie de alfaiate que quando a roupa não fica boa faz alterações no cliente."

"A diferença entre a galinha e o político é que o político cacareja e não bota o ovo."

"Pois eu, num pôquer com Maluf e Brizola, só entrava com baralho meu."

"Em política nada se perde e nada se transforma - tudo se corrompe."

"O dinheiro não só fala, como faz muita gente calar a boca."

"Todo homem nasce original e morre plágio."

"Chato, é aquele que explica tudo tim-tim por tim-tim... e depois ainda entra em detalhes."

"Pais e filhos não foram feitos para ser amigos. Foram feitos para ser pais e filhos."

"Além de ir pro inferno só tenho medo de uma coisa: juros."

"Com muita sabedoria, estudando muito, pensando muito, procurando compreender tudo e todos, um homem consegue, depois de mais ou menos quarenta anos de vida, aprender a ficar calado."

"Brasil: um filme pornô com trilha de Bossa Nova."

"Ainda está pra nascer o erudito que se contenha em saber só o que sabe."

"A alma enruga antes da pele."

"Anatomia é uma coisa que os homens também têm, mas que, nas mulheres, fica muito melhor."

"Machão não come mel; come abelha."

"Achamos que os padres também devem casar. Não há nenhum motivo para que conservem o privilégio do celibato."

"Morrer é uma coisa que se deve deixar sempre pra depois."





INFLUENCERS

Todo mundo agora quer ser um “digital influencer”. Não importa que seja um “bad influencer” ou “good influencer”: o importante é que tenha muitos seguidores. E quem são esses seguidores? São pessoas comuns que “navegam” na internet e se identificam com alguém que publica bobices e cria uma identificação com esses “navegadores”, que se transformam instantaneamente em “seguidores”, que funcionam como uma seita e saem espalhando para outras pessoas essas bobezas, como se fosse um vírus. Tem gente que vira influenciador da noite para o dia, por vezes, fazendo dancinhas ridículas, criando algum “meme”, alguma fala desprovida de qualquer sentido, palavra que vem do grego “mimesis”, que significa imitação, mas que virou sinônimo de “viralização”. Ou seja, na internet nada se cria, mas tudo se copia.

Alguns influenciadores ganham montanhas de dinheiro com isso. Outros não. Na maioria dos casos, ganham com os patrocinadores, sempre ávidos a associarem a sua marca a campeões de visualização, mas muita gente também já faturou uma grana arretada com o Google, com o YouTube,

com o Instagram ou com o Facebook, mas estes sites diminuíram radicalmente suas formas de remuneração e acabou a boquinha para a maioria dos simples mortais.

Muitas pessoas fingem que fazem sucesso para tentar fazer sucesso, tirando a maior onda com fotos em lugares paradisíacos, mas na maioria dos casos é tudo forjado, e alguns até utilizam montagens grotescas com a finalidade de impressionar. Teve uma influencer famosa que aparecia nas mansões mais fantásticas ao lado de carros espetaculares, mas foi desmascarada, quando se apurou que acompanhava a mãe em suas visitas como corretora de imóveis, mas que depois disso acabou perdendo o emprego.

Existem os nano influenciadores, que tem de 1.000 a 10.000 seguidores; os micro influenciadores, de 10.000 a 50.000 seguidores; os de nível médio, de 50.000 a 500.000 seguidores; os macro influenciadores, de 500.000 a 1.000.000 de seguidores, e as celebridades e mega influenciadores, com mais de um milhão de seguidores. O máximo de seguidores que consegui até agora foi no dia em que xinguei uns meninos que jogavam bola na rua e saíram correndo atrás de mim: eram mais de quinze.

O MORTO ESMERILHADO

Jorge F. Isah



Ele estava morto. Tomara dois tiros de balas perdidas durante uma disputa do tráfico por um ponto. Alguns disseram ser impossível receber dois tiros aleatórios, certos e fatais. Era muita coincidência. Com isso, especulava-se se seria algo fortuito ou deliberado. Creditavam a queima de arquivo, execução sumária, vingança ou simplesmente consequência de negócios ilícitos...Mas, convenhamos, se atividades escusas culminassem em mortes, não haveria assassinos suficientes e, por fim, apelariam para suicídios e haraquiris como solução final.

Ficou algumas horas no meio da rua, à espera dos peritos e rabecão, envolto por curiosos, farejado por cães e o sobrevoo de moscas e outros insetos. Naquele momento, de duração incerta segundo os observadores, não se mexeu, gemeu, ou demonstrou qualquer sinal vital. Muitos, depois de alguns minutos, sem demonstrar surpresa ou comoção, voltaram às suas atividades corriqueiras e o abandonaram sem olhar para trás.

Após ser recolhido e encaminhado ao IML para autópsia, ocupou a gaveta de número 24.813. Por dias, expôs-se ao frio gelificante, e se viu ainda mais rígido. Havia casos mais urgentes, de comoção pública, e não seria um “Zé Ninguém” a demandar ágil intervenção médico-legística. Não houve, também, alguém a reclamar o corpo e, provavelmente, seria enterrado

como indigente. Na comunidade, onde fora abatido, chegou-se a aventar a hipótese de uma vaquinha para as despesas fúnebres, entretanto, nunca logrou êxito ou saiu do campo meramente especulativo, da parte de um ou dois altruístas, pero no mucho. Em menos de cinco minutos, não se ouvia mais alusão filantrópica, e todos se preparavam e voltaram completamente a atenção para o feriado prolongado de Carnaval.

Semanas se foram, corpos entravam e saíam do necrotério, sem que o número diminuísse; então um dos legistas foi visitá-lo em sua gaveta. Qual não foi a surpresa, ao depará-la vazia. Primeiro, pensou na incoerência dos dados: certamente outro colega encarregara-se de autopsiar o cadáver e esqueceu de lançar o resultado e dar baixa no sistema. Segundo, por que raios não havia outro corpo no lugar? Com a demanda tão alta?

Levou o caso para o supervisor, que esbarrou em mais um episódio de imperícia, entre tantos testemunhados nos últimos cinco anos. Nada a abalar-lhe a posição; entretanto, quanto mais sinais de inaptidão a sua equipe desenvolvesse, equivaleria praticamente à sentença de morte: não galgar posições mais rentáveis e superiores na hierarquia burocrática. Seria o fim, a paralisia na carreira, se não levasse a situação a bom termo, a elucidá-la e apontar

o responsável ou responsáveis pelo fiasco.

- Bando de idiotas! – Disse em alto e bom som – Ainda bem que cuidam de mortos, pois se fossem dos vivos, morreriam de qualquer jeito, à mingual!

Acessou planilhas, relatórios, analisou gráficos e colunas, e não havia rastro do defunto 24.813. Ordenou a todos os departamentos a conferência de seus arquivos a fim de encontrar o destinatário, sob pena de cabeças rolarem, e ele mesmo trataria diretamente do inepto com todo o rigor do cargo e função à qual diligentemente foi-lhe confiado.

Mais algumas semanas se passaram... Depois, meses... e nada, sequer havia vestígios do 24.813. Estavam em uma enrascada dos diabos e a mídia, sedenta por escândalos e especializada em destruir reputações, não se inteirara do ocorrido, preocupada em desvendar o responsável pela ordem de se proibir o uso de máscaras em um baile à fantasia no Automóvel Clube, e, posteriormente, um caso que durou semanas e comoveu a audiência: a amizade singela e afetuosa de uma onça e um bezerro, até que, certo dia, a amizade acabou em morte, do bezerro... Entretanto, sabia-se questão de tempo: fatalmente algum funcionário ou prestador de serviço seria voluntário a expor o caso, por um chamego ou afago pecuniário.

A direção estava em polvorosa, e transcorridas semanas, um portal sensacionalista divulgou a notícia da perda de um corpo importante e fundamental para a elucidação de uma trama sinistra e macabra. Lançou intrigas, maquinou complôs, estabeleceu conexões, insinuou conspirações e aventou culpados. O assunto chegou ao secretário de segurança, ao governador, ao ministro da justiça e ao presidente. Houve mesas-redondas em telejornais, lives em plataformas digitais, notícias eram divulgadas hora sim, hora também, acusando, defendendo, apontando, desapontando, incitando, acalmando, promovendo, estorvando, condenando, absolvendo... Um verdadeiro massacre, onde os tiros se davam à esmo, sem alvo definido, mas nada a impedir a mixórdia de dados gratuitos e aleatórios, o arrolar descabido de ativos e passivos, testemunhos e protestos; o antagonismo das informações e matérias deixavam, sem sombra de dúvidas, o completo dessaber e anarquia entre os proponentes e suas apurações e pleitos, a despeito do alarde de se fazer uma investigação meticulosa, diligente e autêntica.

Foi, nesse exato momento, após não haver qualquer sinal ou indicio de onde ou para aonde fora o corpo 24.813, e a mídia ansiosa por respostas (ainda que desse por certo o envolvimento desse e daquele desafeto), seja lá qual fossem, o secretário de segurança, em conversa com o grupo político, ouviu:

- Isso tem de ter um ponto final!, disse acalorada e energicamente, um correligionário. – Não dá mais para esperar a competência do IML... Se fosse você, demitia imediatamente todo o corpo diretivo daquele “Triângulo das Bermudas”, onde se entra defunto e não se sai, mas desaparece da noite para o dia, do

nada, num estalar de dedos!

Todos entreolharam-se; o clima era de apreensão e nítido desconforto.

- O que se pode fazer?... – O secretário, por fim, questionou, consternado.

- É preciso atitude, senão... – Outro, entrepôs.

- Mas o quê?!... o quê?!... – Exasperou-se o secretário – Ninguém tem uma maldita ideia, mesmo a mais estúpida delas?

Alguns olharam o chão. Outros, paredes. Ainda uns a abrir e fechar as mãos, nervosos.

- E se a gente criar uma história... Deixa-me pensar... Dele ter subido diretamente aos céus... ressuscitado... sei lá!

Logo, todos se manifestaram:

- Que ideia mais idiota!

- Quem vai acreditar nisso?!

- Onde já se viu!...

Era unânime o desgosto com a proposta.

- Espera... – O secretário apartou – Pode dar certo... Torná-lo herói nacional... A sua morte salvou dezenas e dezenas de pessoas... de ele ser iluminado... E, com isso, assim como já aconteceu, Deus o chamou e quis o corpo sobrenaturalmente...

- Mas quem em sã consciência pode falar tal coisa?!... É suicídio político!...

- A menos que seja o presidente... Ele já se comparou com Jesus Cristo, quer mais?... E quase ninguém o leva a sério, mas ainda continuam a votar nele, mesmo depois de todas as trapalhadas que provocou... Sem contar o apoio incondicional da imprensa, que transformam todas as suas lambanças em maravilhas, obras-primas de um gênio inspirado e inspirador... – Neste momento, todos soltaram risinhos aliviados, tranquilizadores.

- Sim... é possível que funcione... nem os crimes e condenações enfraqueceram o seu ímpeto... e o apoio da mídia, dos poderes, das pesquisas, e as publicidades a encobrir seus desazos e escorregões o tornam a figura ideal para essa... coisa.

A empolgação era nítida, e auferia níveis cada vez mais otimistas, a cada gesto concorde e olhar festivo.

Uma comissão se formou para a audiência com o presidente, no intervalo entre suas incontáveis viagens, a torná-lo um presidente “ponte-aérea”, no dizer dos debochados e à boca-miúda; na nítida intenção de pouco se lixar para o cargo, mais empenhado em desfrutar, junto com a primeira-dama, das mordomias e afagos internacionais, financiados pelo mesmo povo que considerava pobre, faminto e miserável... e as custas dos aumentos de impostos ainda mais pornográficos.

A trama foi-lhe revelada enquanto avaliava a suíte presidencial do hotel mais caro de Bruxelas, cuja diária equivalia a quase vinte vezes o salário-mínimo vigente; então, não era preciso dizer ou negar que todos os detalhes da trama se lhe escaparam descaradamente. Respondeu ao chefe de gabinete, após insistir três vezes, não sem deixar de manifestar certa neurastenia:

- Sim, claro... Faça como quiser... – E abandonou-se aos apelos mobiliários, do bufê e o aconchego da hospedaria.

O plano estava enfim sancionado, e daria cabo, de uma vez por todas, daquele circo de horrores político-midiático.

- Você não vai precisar nem trocar a diretoria, pois a investigação não vai apontar culpa ou autores, não é?

- Acho que não... Mas que devia, eu devia!... Mandar uns dois ou três daqueles engravatadinhos pro olho da rua! – O secretário esticou o braço em direção à porta, assim que soube da decisão, e sentou-se, não sem antes ajeitar o nó em volta do pescoço.

Houve um upgrade nos salários da cúpula do IML, e acabou por refletir no aumento, em cascata, dos salários do alto escalão da secretaria de segurança.

Assim se fez.

Mesmo a história não sendo convincente, e as explicações do presidente não persuadir a maioria, a imprensa tratou logo de exaltar e reconhecer não somente o mérito do morto 24.813, mas do próprio líder, que em sua infalibilidade novamente denotada, intercedeu aos deuses para o sucesso da abdução do novo herói nacional.

Instituiu-se feriado em dois de janeiro, o que acabou por satisfazer as exigências populares, disposta a esquecer e não refutar as contradições casuístas. Além, claro, de aumento no valor dos auxílios governamentais, as chamadas “bolsas”, e até mesmo a redução no preço da pizza e do chopp.

Por decreto presidencial, ninguém poderia questionar os fatos, sob pena de prisão preventiva e imediata condenação em regime fechado. Órgãos e veículos de comunicação empenhados em lançar “fake news” seriam fechados e seus diretores e editores sumariamente presos. Era permitido apenas a republicação, na íntegra, da declaração governamental quanto a façanha e conduta irrepreensível do nobilíssimo paladino, o morto 24.813.

Loas foram escritas em livros didáticos. Filmes, peças, odes, esculturas e vídeos promocionais tornaram-se

máxima entre acadêmicos, divulgadores, artistas, críticos profissionais, filósofos, historiadores e educadores em geral.

Tudo acabou por tomar ares ainda mais misteriosos e inexplicáveis, quando alguém disse ter visto o morto em uma noite de sexta-feira, pouco antes do eclipse lunar. Várias entrevistas depois, pode-se construir o retrato falado do ilustríssimo herói, a partir dos mínimos detalhes apresentados pela testemunha. Nesse ínterim, a Ong “UFO”, após meticulosa análise do evento, no decorrer de quase uma semana, declarou, em nota oficial, tratar-se de contato alienígena, e de o notável personagem ser nada mais nada menos que o emissário de uma civilização extinta nas infinitudes da galáxia M51a. Havia, ainda, o projeto místico da I.S.H., a Igreja da Seleção Homóloga, de canonizá-lo nos próximos dias, desde que os fundos necessários à beatificação atingissem os valores pactuados no último sínodo, realizado havia menos de 24 horas... algo a ver com o número cabalístico do 24.813 multiplicado por “10”(a marca do Pelé), tudo cientificamente tratado pela cúpula religiosa, em conformidade com os seus estatutos, dogmas e encíclicas, contudo, sem que os detalhes e motivações da escolha tornassem-se públicos, visto serem oriundos de uma entidade metafísica fidedigna, mas confidencial, e incompreensível às mentes não evoluídas, privadas de reconhecer o esplendor e glória do luzidio oráculo.

Em alguns anos, esses mesmos filmes, livros, tratados e lauréolas seriam amnésicos, queimados, proscritos; ninguém se lembraria do número 24.813, nem do morto, pessoas e eventos a espreitá-lo; o limbo onde regenerar-se não passava de algo imaginário e nulo; uma história descontada e não arquivada nos breviários das fábulas e hebetismo.

O feito não era feito; e desfeito, nada sobrou a se fazer.

Restaria o sueto, substituído por outro prócere, e a patuscada não tinha fim.



ClodoKill

Fernandes

As estripulias do dinheiro

Não se tem muito a dizer quando o assunto é dinheiro, mas, mesmo assim, por falta de assunto melhor, vou me arriscar ao óbvio ululante. Têm os mãos-abertas que não somente conseguem gastar os próprios bens e, não satisfeitos, teimam em dissipar também os alheios. Não é difícil encontrar muitos deles nas feiras, shoppings, ruas e avenidas, a quebrar vidros de carros, arrombar fechaduras, estourar caixas eletrônicos ou, simplesmente da bicicleta tomar aquele celular comprado, e ainda não pago, em 12 parcelas, nas Casas Bahia.

Dizem os entendidos, e quem sou eu para questioná-los, existir um estágio progressivo (disse progressivo, e não progressista), de trombadinha a político, espécie de colação de grau ou algo do gênero, mas enquanto a FGV não fizer um estudo detalhado, não se pode afirmar a correlação entre os gatunos dispersos nas cidades e arredores e os concentrados no Planalto e adjacências... ainda que sejam gatunos.

Outro dia, fui trocar o óleo do carro. O mecânico olhou a vareta, e identificou, não sei como, que os cabeçotes precisavam ser retificados ou trocados.

- Como assim? – Eu perguntei, estarecido – Você descobriu isso apenas observando o óleo?

- Meu amigo, o óleo é a chave de todos os problemas no carro... – Parecia um sábio explicando os enigmas da vida e do universo – Eu jamais desprezo o óleo, e não sou displicente como os meus colegas... Aposto o que quiser: os cabeçotes precisam de retífica! – Sentenciou, convicto.

Por fim, disse não fazer retífica, mas indicou outro colega tão ou mais especializado em óleo que ele; e o seu diagnóstico nada tinha a ver com ganhar dinheiro de qualquer maneira, pois era honesto e não possuía qualquer interesse em mexer no motor. Estava apenas e tão somente fazendo o seu trabalho, da melhor forma possível, dando o diagnóstico mais honesto e ético que um profissional pode dar.

Não me interessei. Ele parecia charlatão, e desisti de trocar o óleo. Saí do lugar ouvindo-o dizer, quase aos berros:

- Qualquer profissional íntegro e idôneo confirmará o que digo!!

Outro mecânico me garantiu que o óleo podia ser usado por muitas centenas de quilômetros ainda, e

não era preciso substituí-lo. Enquanto um terceiro, me aconselhou a vender o carro e comprar outro, porque aquele não tinha mais recuperação e conserto.

A mesma situação envolve dentistas, advogados, médicos, camelôs, cartomantes, pedreiros, encanadores, pasteleiros e queijeiros. Que dirá as urnas, depois das eleições.

Por falar em eleições, um amigo candidatou-se a síndico. Não suportava os constantes aumentos do condomínio. No dia da eleição, o mandatário encomendou canapés e um d.j. para os adultos, palhaços e docinhos para as crianças. Depois da terceira dose de Jack Daniels, o amigo fazia campanha para o adversário.

Outro amigo, fã do Roberto Carlos, comprou o ingresso para assistir ao show em um cruzeiro pela costa brasileira. Pacote pago, uma semana antes da viagem a companhia anunciou o cancelamento e o ressarcimento em voucher ou ações da empresa. Quinze dias depois, entrou em falência judicial, as ações despencaram e os vouchers que seriam emitidos em dois dias, não foram mais. Meu amigo, pão-duro como ele só, viu-se transtornado: em seus mais de cinquenta anos, nunca se permitiu um exagero, um mimo, e agora não tinha a grana nem o leite. Para compensar o prejuízo, em parte, vendeu todos os LP's, CD's e VHS's do ídolo em um topa-tudo. Não era muito, mas aquilo o deixou melhor.

Assim é o dinheiro. Não escolhe as mãos onde cairá. Sábio ou idiota, perdulário ou mesquinho, egoísta ou filantropo, não discrimina ninguém.

Certa vez, em uma sinagoga, um ricoço trocou parte dos seus lucros por dúzias de moedas e, ao depositá-las no gazofilácio, ouviu o tilintar grandiloquente do metal no fundo de madeira. Todos sabiam, depois do barulho sistêmico: ele ofertou muita, muita grana. Contudo, era insignificante diante da sua fortuna. Enquanto isso, uma pobre viúva, tinha apenas duas moedas. Porém, era tudo o que possuía. E lançou-as no mesmo lugar. Quem deu mais?; você pode se perguntar, se for bastante cínico. A questão não é quantidade ou valor, mas a relação de cada um com o dinheiro.

No Brasil, nenhum vínculo é maior do que a máxima: o que é seu é seu, enquanto não for meu, e, em breve, o que é seu será meu. Pode crer!

Quem viver, verá!

DIÁRIO DE UM ALQUIMISTA

Helvécio S. Pereira

Eu queria escrever sobre Paulo Coelho, mas antes que alguém pense se tratar de algo denegrindo, atacando ou massageando as bolas do acidental escritor, adianto que não se trata de nenhum dos casos, principalmente o segundo.

Já digo que sou clara e explicitamente preguiçoso, e só viajo por necessidade: trabalho, poucas vezes, ou tretas de família... Preferível o trabalho, claro.

Férias, feriados, fins de semana normais ou prolongados, pandemia são excelentes motivos para ficar em casa; no meu quarto tenho tudo o que preciso para ler, produzir, distrair, dormir e comer. Sim, há anos não almoço na mesa da sala, e asseguro que sou totalmente normal com manias igualmente normais, iguais às de todo louco também normal...

Almoço, com bate papo em família, só em mesa de restaurante.

Nunca antes nesse país, e nos meus sessenta e alguns anos, sobrevivendo mais do que o genial e universal J. S. Bach viveu, senti mais do que pensei em sair do Brasil. Primeiro, por preguiça. Segundo, porque mesmo a despeito de suas muitas e variadas mazelas, ainda supunha manter a postura de algo suportável. Porém, fica a questão: afinal é suportável? Diga-me! São suportáveis cinquenta mil assassinatos por ano? Fora outros crimes hediondos e injustificáveis? Um país em que, legitimado pelo ocupante acidental do poder máximo, o roubo de celulares (a fim de satisfazer aquela cervejinha ou outro estranho desejo), aparelhos abaixo de quinhentos reais têm automática, e magicamente, seus respectivos furtos ou assaltos (pouco importa!)



estão açambarcados no escopo de social e canonicamente permitidos e imediatamente anistiados.

Enfim, mudando de parágrafo, menos por necessidade estilística e mais por não me alongar na lista de patéticas nacionais, digo logo que estou por aqui para pensar na possibilidade de deixar o país, e diferentemente de muitos amigos e conhecidos, não voltar nunca mais, nem e principalmente para ser enterrado.

Atribui-se a Albert Einstein a frase que “o nacionalismo é uma doença infantil como sarampo”, e eu concordo. Que raios de amor à terra, a uma região, a

uma comida, a um time, a uma religião, a um partido político (esse é pior!), justificam a absoluta e eterna ligação a um lugar que arbitraria ou casuisticamente se tornou um país, uma nação, no caso, em especial, e nada especial, a nossa? Com o qual não concordo, plena e seguramente. Mas, por que não deixar o seu próprio país e, mesmo após ganhar algum dinheiro trabalhando em um outro, a maioria das pessoas tende a voltar para o seu cantinho de origem? As razões são as mais bizarras da primeira à última, segundo a minha tendenciosa percepção: parentes chatos, comida regional, música ruim, time que já caiu para a segunda divisão, filhos emuladores de tretas.

Há uma ilusão panfletada acriticamente de o nosso país ser o melhor do mundo, um paraíso cantado por Carmem Miranda para gringo, de sermos os “melhores no futebol” (que nem inventamos), na música, na beleza feminina (tudo exagero ou falsidade), o melhor clima, a melhor comida, o céu mais azul e o berço do planeta... O “pulmão do mundo” (efizémico, mas não deixa de ser), temos a cidade maravilhosa e os mais bem treinados meliantes da face da terra... Enfim, o rol de falsidades, idiotices, e panfletagem barata, ufanista e toscamente enganosa merece o troféu de primeiro lugar.

Como todos sabemos da verdade, a despeito da dificuldade natural de praticamente se aguentar em outra cultura, duas coisas muito difíceis: a música ou cancionero e a culinária. Entretanto a culinária, com a falta de feijão e arroz, dá para se acostumar, com o tempo ou não, como dizia o Caetano. Ademais tirando a saudade, outra falácia apregoada por puro bairrismo, a falta do pão de queijo, cafezinho torrado e coado na hora, “pelinha” de porco frita, torresmo, couve refogada, e, talvez, para quem é muito mineiro

raiz, uma cachacinha ardendo o gogó, depois do “armoço”, seja algo insuperável e impeditivo.

Também não é verdade que saudade só exista com seu exato e ambíguo sentido em português; há também no bom alemão, “Sehnsucht” (Zenzârth)! Existem outras formas de se expressar esse e vários sentimentos, sensações e prazeres possíveis em outras culturas e línguas... A pretensão brasileira também.

Não se deve excluir deste mundo de Deus, lugares com pessoas mais honestas, confiáveis, mais árvores e flores, e mais cidadãos de verdade! Mulheres de verdade! Homens de verdade! Crianças de verdades! Avós e bisavós! Cristãos de verdade! Valores, moral e ética verdadeiras!

Encontra-se pureza de leitores e de eleitores! Gente que não pensa tanto e tão descaradamente em si mesmos e apenas no poder pelo poder! Claro, nem tudo é perfeito neste mundo dos homens, em nenhum lugar, mas, contudo e certamente, nem tão esculhambados como entre nós.

Logo, os céus e o paraíso não são aqui! Todas as coisas além da falsa sensação de sermos o umbigo do mundo (na verdade de nós mesmos), e o falso nirvana que não se consegue vender, ninguém quer comprar, mas, se der para surrupiar, o negócio está feito!

Outro fator é o nosso jeito (não o meu ou o seu, se me entende) brasileiro de quebrar ou contornar regras. Normalmente, brasileiros tropeçam nesse simples quesito, achando que em outro país as coisas são como aqui, e não é.

Muitos se queixam de frio extremo, calor extremo, vento extremo, mas que sem dúvida compensa a falta de segurança, uma verdadeira desgraça, abjeta, no Brasil.

Brasileiros se queixam da falta de atenção de nativos, pensando que todo mundo tem a obrigação de notar a nossa presença e louvar a famosa brasilidade. Ledo engano. Por essas, e por muitas outras, que pararei por aqui e não me alongarei mais. Por essas, e por outras, mesmo sendo comunista, rico e de talento questionável, além de ter sido péssimo aluno em uma das melhores escolas na adolescência, não se quer mais morar no Brasil.

Por essas, e por todas, hipocritamente, Paulo Coelho foi para a Suíça!



POST SCRIPTUM

Jorge F. Isah

Pegou a notificação, sem ânimo para abri-la. Sabia muito bem o que estava por vir, e qual seria o teor do documento. Um desânimo terrível se abateu sobre ele, e nada fazia, nem de longe, lembrar a euforia de quando passou na faculdade, e ainda maior quando se formou. O estágio correu tão bem que imediatamente foi contratado pelo hospital para ocupar um dos cargos de auxiliar clínico. Nem quando passou noites e dias seguidos na emergência, por conta de vários surtos de doenças infectocontagiosas, a dormir poucas horas e em intervalos curtos, ou mesmo diante da precariedade de materiais e equipamentos, o desleixo de colegas, e algumas técnicas ultrapassadas e ineficazes, não se desanimou; pelo contrário, imbuíu-se ainda mais do dever e responsabilidade de levar a cabo e empenhar-se no cumprimento do juramento de Hipócrates, especialmente em dois pontos: respeitar a autonomia e dignidade do paciente, e guardar respeito pela vida humana.

Em tempos modernos, onde cada uma das verdades inalienáveis se tornavam relativas e lançadas de lá para cá ao sabor dos interesses nada científicos, em sua maioria políticos, ideológicos e amparado por leis injustas, o seu ânimo arrefecia-se e chegou a pensar várias vezes em desistir da profissão e assumir outro meio de ganhar a vida. A ética e a moral haviam sucumbido ao discursos panfletários, aos desejos cruéis, à insensibilidade e desprezo. A inversão dos sentidos, a manipulação dos conceitos, a demonização dos valores caros, essenciais e milenares eram coisa do passado. A nova ordem fazia-se urgentíssima, e a determinação em remodelar, reescrever, banir da face da terra qualquer significado metafísico, eterno, sobrenatural e deixar tudo ao nível do tangível, palpável e irracional campeava rapidamente. Bastaria leis a ordenar isso e aquilo, a proibir isso e aquilo, a permitir isso e aquilo pois, ao ver dos discípulos de Comte, a lei era tudo, todos, sem espaço para verdades além dela, mesmo que ao sabor e da pena dos homens sem lei...

Sendo discípulo da ciência, no período de faculdade, não se dava a especulações e investigações alheias ao campo das evidências; qualquer coisa que não se pudesse provar, demovia-lhe o interesse. Com o tempo, e o dia a dia, havia um percentual não microscópico de situações onde os dados e os cânones técnicos, em seu rigor impreciso, não traziam qualquer elucidação a fatos a escapar-lhes pelos dedos. Vira, não uma, duas ou três vezes, mas dezenas, em que quadros irreversíveis e pacientes

condenados, qual um estalar de dedos, recuperavam-se, e as aflições e dores eram nada mais do que lembranças como o gesso do pé quebrado ou joelhos esfolados na infância. E isso não era algo fantástico ao ponto de surpreender os colegas, mas alguns chegavam mesmo a esperar a melhora, pois a experiência lhes garantia não haver diagnóstico absoluto, nem para o bem, nem para o mal, e as situações mudavam sem que os médicos soubessem a origem e o processo em que as leis naturais se pulverizavam e eram lançadas no lixo.

Alguns, chamavam de milagre. Outros, de presente. Os céticos a discursarem sobre a impossibilidade das certezas; e de essa certeza, da impossibilidade, ser a única infalível. Entre religiosos, místicos e os ditos racionais, talvez os primeiros não fossem irracionais; ao menos, se dispunham a questionar as aparências, enquanto os segundo sequer as vias.

No seu caso, nunca fora religioso. Os pais eram liberais e ateus, e quando o caçula decidiu ir para um seminário católico e se tornar padre, o liberalismo deles caiu por terra: levaram o rapaz a vários psicólogos, terapeutas e apelaram para a holística e tratamentos alternativos a fim de demover o filho daquele sacrilégio: o nome respeitado da família seria jogado na lama, e o motivo de riso entre os seus pares. Nada funcionou. Antônio fugiu de casa, assim que completou 18 anos, foi para um mosteiro e, mesmo diante das ameaças, por lá ficou. O pai, homem de opiniões e obstinado, pensou em entrar na justiça e alegar insanidade: era melhor um filho louco que um beato. Depois de confrontado pela mãe e os demais filhos, resignou-se com a decisão de Antônio, não sem antes ameaçá-lo de exclusão do testamento. O caçula sequer respondeu à bravata. Ordenou-se, e hoje era pároco em uma diocese do interior.

Nos raros encontros, havia espaço para discussões acaloradas, mas ouvia-o e fazia-se ouvir em debates permeados pela ética, moral e a origem delas. Para Antônio, Deus era a derivação de toda a verdade, enquanto ele, a defender as evidências, numa espécie de aleatoriedade darwinista-filosófica, defendia o materialismo e o naturalismo como expressões da realidade.

- E como explica os eventos não explicáveis por suas premissas? – Questionou o padre.

Não precisou pensar muito, pois tinha a resposta na ponta da língua:

- Ora, meu irmão! O conhecimento é progressivo e não acontece da noite para o dia. Foram necessários

séculos, milênios, para chegarmos onde chegamos em termos científicos e práticos. Nem tudo ainda está explicado mas, certamente, um dia haverá uma causa lógica para tudo, é apenas questão de tempo, do homem descobrir mais e mais e chegar à plenitude da razão.

Antônio esperou alguns segundos, certo do irmão ter terminado, antes de argui-lo:

- Em seu trabalho, você se depara com milagres, certo?... Situações em que os mais proeminentes e capacitados profissionais se surpreendem, e mesmo após décadas de trabalho e observação não encontram o porquê ou motivo para os episódios... Qual a garantia de haver um dia onde todos os aspectos naturais serão explicados? Quanto mais os sobrenaturais?

- Isto é um sofisma!... Não existe garantia, mas também não se pode dizer que ela não exista.

- É provável que sim, mas também é provável que não, certo?

Refletiu, e achou que o irmão mais novo estava a querer pegá-lo numa armadilha, em um deslize. O melhor era não deixar o flanco para ele se aproveitar e atacá-lo.

- O mais plausível é que seja provável, já o sentido de provável não é absoluto, mas condicional na sua própria relatividade.

- Talvez essa seja a nossa diferença básica. Enquanto você apela à aleatoriedade, sem causa, fortuita, accidental, eu, por outro lado, advogo o supremo governo de Deus em todas as coisas, de maneira que ele é a origem e razão de tudo, sejam leis naturais e leis sobrenaturais, pois tudo vem à existência pela sua vontade e decisão... Então, você defende uma causa sem sentido, o que eu chamaria de o "caos perfeito"...

- E riu, neste momento, para tornar-se sério, em seguida – Enquanto sustento a ordem deliberada e absoluta; não o caos no caos, mas a autoridade estruturada e lógica de criar e sustentar, o que chamo de "ordem proposicional"...

Houve um silêncio, em que se entreolharam rapidamente.

- Talvez, e estou pensando agora, o que você considera negativo em mim e positivo em você, quero dizer, nos nossos pensamentos, seja nada mais do que o yang e yin da filosofia oriental... Em certo sentido, é possível que eu e você estejamos certos, não é?

Antônio sorriu afável, se deliciando com a conjectura do irmão.

- Eu sabia que havia esperança para você... isto é um bom sinal, de que já está a sair da sua caixa determinista-caótica... – Deu-lhe um tapinha às costas.

- Vamos nos misturar aos outros, meu irmão!... Você não é exclusivamente meu... – E riu, ingênuo.

Associaram-se aos demais convivas, mas ele ficou matutando, em abandonos esparsos, sobre a conversa com o irmão.

Tudo isso acontecera havia menos de um mês, e

neste período, muita coisa mudou na sua rotina, e não dava sinais de um desfecho imediato.

O papel estava sobre a mesa, à espera ... uma armadilha a prendê-lo caso abrisse ou o mantivesse fechado... não havia muito para aonde escapar... como a avó sempre dizia: "se correr o bicho pega, se ficar ele come!".

Pegou-a, a folha simples, quase transparente, com os símbolos e as ameaças a compeli-lo a tomar uma decisão, na verdade a única escolha, como se em toda coerção houvesse hipótese além de constranger e submeter ao que haviam decidido previamente e se deveria cumprir. Quantas vezes se vira diante de alternativas, umas melhores, outras piores, mas acabava sempre por seguir a sua consciência e vontade, mesmo que as pressões ou argumentos quisessem levá-lo a outro caminho, e, de novo, o aviso octogenário da avó fazia-se recordar: "é melhor errar por sua própria consciência, do que deixar-se levar pela consciência errática dos outros".

Naquele momento, um filme passou diante dos olhos. Depois de quase duas décadas na medicina, tendo por princípio o cuidado com o próximo, o peso de não ouvir os conselhos da maioria dos colegas, chegara; era como se os ouvissem ainda a dizer: Você não pode se envolver com os pacientes, tem de manter uma equidistância segura para não ficar louco e tomar decisões que afetem a sua carreira e não o deixem pôr a cabeça no travesseiro e dormir... Era ensinado, desde os primórdios da faculdade, à indiferença para assim tratar todos equânimes, sem envolvimento ou laços além do estritamente profissional. Dizia-se imprescindível, para o competente e hábil técnico, preservar as sensibilidade em cômodos fechados, sem deixar-se seduzir e comprometer com os dramas; enquanto trabalho, a medicina deveria se exercer neutra e pétrea, e assim as decisões mais práticas e racionais seriam tomadas sem os agravos das emoções. Para o bem do paciente e do profissional, a reserva significava perícia e objetividade.

Não era fácil para ele... nunca foi. E mesmo ao tentar impor-se certa indiferença e fleuma, acabava sempre por dar vazão à sua humanidade e tratava cada um dos seus clientes como único, ao agir compreensivo e simpático, mesmo nas situações consideradas irremediáveis e lúgubres. Se estivesse na situação do doente, ia querer ser tratado com estima e calor humano, ao invés de estar sob os cuidados de um empedernido e apático "profissional". Em sua vivência, não considerou prejudicadas as decisões por manter uma relação mais íntima e amigável com os enfermos. Havia, claro, aqueles a rejeitarem qualquer proximidade, qualquer tipo de conexão, e, respeitando-os, mantinha-se a distância. Às vezes, com o tempo, as coisas mudavam, entendiam suas intenções e se achegavam, em outras, nada se alterava, do início ao fim. Levava à cabo a máxima entre as relações comerciais: o cliente tem sempre razão!... Não necessariamente razão, no sentido de es-

tar certo, mas de ser considerado e atendido como tal. Ou seja, a parte mais importante do comércio não era o produto, o empregador ou o empregado, mas o consumidor. Analogamente, não era o hospital, os recursos, os médicos e enfermeiros, mas o paciente; ele era a essência do nexos. Por isso, Marx errou fragorosamente ao considerar o trabalhador ou proletário a mola mestra e a razão das relações comerciais, quando, sem o consumidor, não haveria produtos, empresas, patrões e empregados.

Balançou a cabeça, a fim de se afastar dos raciocínios a porfiarem-se, vir e ir em uma avalanche incontida. Não dava para ficar se remoendo enquanto havia uma decisão a se tomar; mas, por que, meu Deus? Pensou pela enésima vez... Havia tentado tudo, todos os argumentos, todos os apelos e movimentos a fim de o ouvirem, mas pareciam decididos e irredutíveis às exigências dos protocolos e normas reguladoras. Não bastasse ser elaborado pela minoria, as prerrogativas de interpretá-las recaíam sobre uma minoria ainda mais mínima e burocrática, cujas decisões constituíam de análises de números, gráficos, tabelas e índices como se as pessoas não fossem mais do que linhas paralelas, ascendentes e descendentes, colunas, saldos e resumos. Nada lhes falavam de caráter, força, ânimo, coragem, pendor e espírito; eram apenas amostras, coletas, balanço e diagnóstico.

Sem rosto, humor, pretensão ou expectativa, fé e

esperança, conforto ou alívio. Apenas progressão ou recuo terapêutico, como o apertar ou soltar mais um pouco o parafuso na engrenagem.

Deu com a mão na cabeça, a sacudir as ideias e afastá-lo dos dilemas que o perseguiam havia dias, e nas últimas horas o asfixiavam e o deixavam mais e mais angustiado. Foi ao lavabo, encheu as mãos de água e esfregou-as no rosto. Alisou os cabelos, pegou duas ou três toalhas de papel e secou-se. Olhou-se no espelho. Solto um palavrão, coisa que não era hábito, mas diante do nervosismo, o desabafo fez-se inevitável:

- Ai, meu Deus!... O que vou fazer? – prosseguiu.

A esposa, também médica, na noite anterior, disse, mo impaciente:

- Sabe o que tem de fazer!... Ou pensa em jogar a carreira na lata de lixo?... Não vale a pena!... É muito arriscado... O que será de nós se isso acontecer?! – Não era argumento, mas um clamor, uma súplica a avaliar as consequências familiares.

Sim, ela estava certa, o preço a pagar, caso optasse pela decisão mais difícil, seria alto, e não sabia se estava disposto a correr o risco claramente desfavorável, trágico.

Voltou à mesa, puxou a folha. Hesitou.

Foi desperto da letargia... Alguém o chamava, e não estava disposto a ir.

continua no próximo número



CRENTE

por Michel Salomão

Pouco importa o que escrevo nesta coluna mensal, mesmo que feito com a melhor das intenções, porque nenhum valor há de ter a minha criatividade na tentativa de fazer com que as pessoas se interessem pelo texto bíblico, diante do conteúdo original do livro sagrado. Portanto, desta feita resolvi reproduzir integralmente o que está escrito no livro de Mateus, a partir do capítulo 5, uma das passagens mais importantes da Bíblia, que é “O Sermão da Montanha”, narrado pelo próprio Jesus:

“5:3 Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus. 4 Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. 5 Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra. 6 Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos. 7 Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. 8 Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus. 9 Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. 10 Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. 11 Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. 12 Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós. 13 Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens. 14 Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; 15 nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa. 16 Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus. 17 Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. 18 Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra. 19 Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus. 20 Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus. 21 Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. 22 Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe

chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo. 23 Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, 24 deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta. 25 Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz, ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão. 26 Em verdade te digo que não sairás dali, enquanto não pagares o último centavo. 27 Ouvistes que foi dito: Não adulterarás. 28 Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela. 29 Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno. 30 E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno. 31 Também foi dito: Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. 32 Eu, porém, vos digo: qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério. 33 Também ouvistes que foi dito aos antigos: Não jurarás falso, mas cumprirás rigorosamente para com o Senhor os teus juramentos. 34 Eu, porém, vos digo: de modo algum jureis; nem pelo céu, por ser o trono de Deus; 35 nem pela terra, por ser estrado de seus pés; nem por Jerusalém, por ser cidade do grande Rei; 36 nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto. 37 Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno. 38 Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente. 39 Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra; 40 e, ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. 41 Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas. 42 Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes. 43 Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. 44 Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; 45 para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos. 46 Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? 47 E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo? 48 Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste”.

continua no próximo número

Sonata ao Luar

Longe de tentar me passar por um crítico musical, apesar de ser um apreciador das melhores composições clássicas, não arriscaria utilizar termos como “arpejos”, “síncopes” ou “surdinhas”, empregados pelos eruditos para descreverem os movimentos dessas músicas, mas tenho a coragem de tecer meus breves comentários em razão do especial interesse em “Moonlight Sonata”, de Ludwig Van Beethoven.

Na verdade, o nome da composição é “Sonata para piano nº 14 em Dó sustenido menor, Op. 27, nº 2, concluída no ano de 1801 e que teria sido dedicada a uma aluna do compositor, a Condessa Giulietta Guicciardi, com a qual, dizem seus biógrafos, pensava em se casar, mas não o fez porque ela pertencia à aristocracia, classe social à qual não pertencia.

Sempre pensei que esse nome “Sonata ao Luar”, na tradução direta, fosse impróprio, e foi escolhido postumamente pelo crítico musical e poeta alemão Ludwig Rellstab, que atribuiu seu movimento de abertura à semelhança do luar tremulando no Lago Lucerna.

Na verdade, a composição é angustiante, quase uma marcha fúnebre, e é possível comprovar na relutante pressão das teclas e no proposital atraso em seu acionamento por décimos de segundo, expressando a tristeza e o pesar do autor, que passava por um irremediável processo de ensurdecimento, uma verdadeira tragédia pessoal, associado à impossibilidade de concretizar a sua paixão pela amada aluna.

Arrisco dizer que a “sonata” de Beethoven nada tem de luar, tendo sido composta



quando tinha 31 anos, época em que começaram a se manifestar os seus problemas auditivos, o que o teria levado a pensar em suicídio, mas acabou morrendo prematuramente em função de envenenamento por chumbo, base de um tratamento administrado por seu médico.

Beethoven, que na infância chegou a ser considerado um “novo Mozart”, deixou um vasto material, tornando-se um dos maiores compositores da música clássica de todos os tempos.



Jó: o livro das belezas

Jorge F. Isah

Este é um livro surpreendente! Dos melhores que li, ultimamente.

Indicação sempre bem-vinda do professor e crítico Rodrigo Gurgel¹.

Um aviso: muitos que não leram o livro poderão achar confusa a minha resenha; e o objetivo é este mesmo: não tirar do leitor o desejo de lê-lo, entregando-lhe um resumo ou pistas muito claras do que encontrará, pelo contrário, é fomentar e estimular o desejo de embrenhar-se na trama, personagens e o universo do autor. Entretanto, se você o leu, ou releu a resenha após lê-lo, entenderá melhor os pontos que ressaltarei a seguir.

Vamos a eles, então.

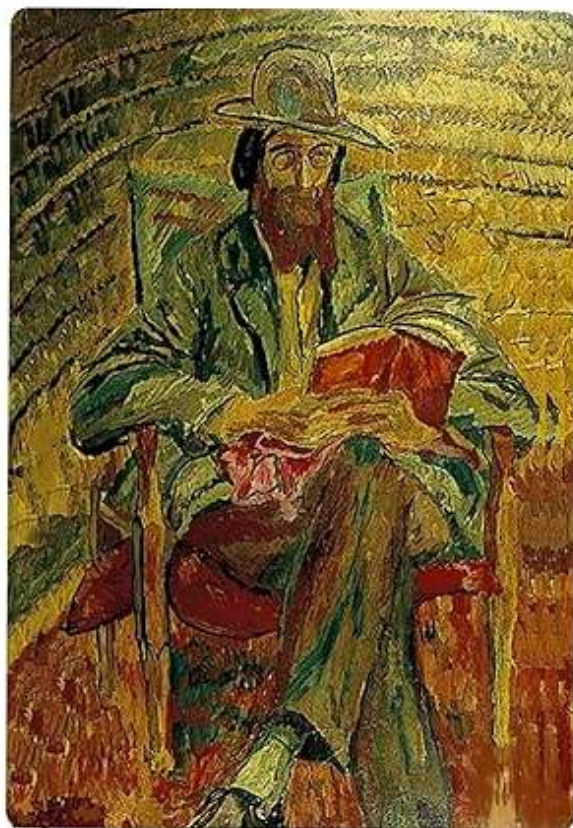
O título remete ao personagem histórico/bíblico Jó, um homem poderoso, rico e justo diante de Deus, o qual perdeu tudo, de uma hora para outra, e passou a viver na indignância e miséria física, material e emocional, sendo abandonado pela esposa, tendo por companhia alguns amigos da onça a questionar a sua fé e moral, por conta dos seus infortúnios.

Mendel Singer, um homem comum, piedoso e temente a Deus, mora em Zuchnow, com a esposa e quatro filhos, levando uma vida simples, na qual é um professor da Bíblia para crianças. Essa é a principal fonte de renda da família. Ele não é um homem de muitas alegrias, mas uma tristeza o aflige sobremodo e à sua esposa, o filho caçula Menuhim, uma criança débil de nascença, e pela qual eles oram, incessantes a Deus, por cura.

Alguém disse que, ao contrário do verdadeiro Jó, Mendel não manteve a sua fé e esperança em meio as vicissitudes. Não penso assim. Mas antes, sem contar propriamente a história, para não tirar a curiosidade e o gosto dos futuros leitores, faz-se necessário dizer que, em dado momento, ele e sua família se veem obrigados a ir para a América, lugar onde um dos filhos se estabeleceu e prosperou, fugindo do recrutamento do exército russo. Lá, ele é conhecido como Sam, ao invés de ser o Schemarian da terra natal. Uma alusão à perda da identidade ou o esquecimento de quem se foi, sem se saber corretamente quem é, em um lugar estranho e pouco identificável.

O motivo da viagem está diretamente relacionado com a filha Miriam, mas não o citarei. Um detalhe importante é o fato de dois dos seus filhos não viajarem. Novamente, não darei os motivos; mas há aqui, também, um simbolismo, a perda de elementos de identidade, de coisas que eles são obrigados a deixar para trás, numa fuga dolorosa a impossibilitá-

JÓ Romance de um homem simples



JOSEPH ROTH

LeBooks

los de estarem por inteiro; e para aonde vão estarão sempre fracionados, incompletos. Nunca serão os mesmos, enquanto as partes separadas não se unirem novamente.

Na América, em uma cultura completamente diferente (uma referência a um exílio, uma diáspora para os Singer, como o foi para Israel), Mendel mantém os seus hábitos judeus, suas orações e rituais, que o faz permanecer sendo quem é, ao menos como tentativa, mesmo não estando onde deveria estar; mas sempre com um desejo íntimo, indolente, de voltar à sua terra, à vida e ao lugar do qual não consegue se desvencilhar, nem pode escapar.

Porém, tudo muda em uma sucessão de tragédias a aflorarem em sua vida, tal qual o personagem bíblico. Ele, então, rejeita a sua fé e a crença em Deus, e mesmo admoestado pelos amigos, recusa-se a voltar. É a obstinação do homem em lutar contra Deus, contra a realidade, a tentativa impossível de, pela rebeldia, encontrar-se consigo, com o homem perdido e desconhecido; de encontrá-lo em um esconderijo, de onde nada se sabe, nem o lugar, nem como alcançá-lo. Negar-se a si mesmo passou a ser a maneira de Mendel conviver com a dor; negar a Deus o afastaria do seu passado; negar a esperança o distanciaria do seu futuro. Mendel é o homem fora do

tempo, a vagar como um espectro pelas ruas de Nova York, como uma caixa pesada, imóvel, na qual todos tropeçam.

De alguma maneira, havia uma esperança oculta no sofrimento, e ela o chamava pelo que ainda poderia reencontrar, a identidade perdida no abandono da fé e na ausência de elementos que o fizeram, até então, ser quem era Mendel Singer, agora convertiam-se na ânsia da última chance de se reencontrar, de mitigar o novo homem nos lombos do velho homem, e vislumbrar alguma alegria ou a resignação dolorosa do sofrimento, caso tudo estivesse realmente perdido.

Entretanto, há milagres; e Mendel vivencia-os. Algo inimaginável, em meio à seus sofrimentos acontece, como se Deus finalmente olhasse para aquele homem miserável, e triste, e amargurado, lançando uma intensa onda de favores. Havia a restauração da alma de Mendel, havia a esperança, novos dias, um futuro no qual Deus o conduziu à reparação, o mesmo que levou Jó a receber tudo o que perdera em dobro e muito melhor.

Cenas emocionantes acontecem quando ele ouve, em um disco, a "Canção a Menuhim", e o encontro com o seu passado, tornado em um futuro esplendoroso. Mendel renasce; e não lhe é reservada apenas a morte, o abandono, a personalidade soterrada no dissabor, mas o alvissareiro frescor da felicidade, do reencontro consigo mesmo, do homem perdido em si, mas encontrado no milagre, no sobre-

sobrenatural, na vida transformada e abundante, em proporções muito maiores ao que sentira, mesmo na existência aparentemente completa do velho homem.

Mendel nunca será o mesmo; aquele homem foi aperfeiçoado pelo sofrimento, restando então o homem completo, como jamais pode imaginar ser. Assim é retratado na última frase:

"E descansou do peso da fortuna e da grandeza do milagre".

Um livro onde nada, nem mesmo as mazelas e o sofrimento, tira-lhe a beleza.

Sinopse: "Numa cidadezinha russa do início do século XX vivia um judeu muito simples e religioso. Seu nome era Mendel Singer. Homem comum, modesto e temente a Deus, Mendel exercia o ofício de professor, transmitindo os ensinamentos da Bíblia às crianças. Com a mulher, Débora, teve três filhos: Jonas, Schemariah e Miriam. Mas o nascimento do quarto filho dá início a uma série de tormentos: Menuhim é uma criança doente, vitimada pela fraqueza, pela deformidade física e pela epilepsia."

¹ Rodrigo Gurgel é crítico e professor literário.

Avaliação: (****)

Título: Jó: Romance de um homem simples

Autor: Joseph Roth

Editora: Cia das Letras

No. Páginas: 200

Sinopse:

